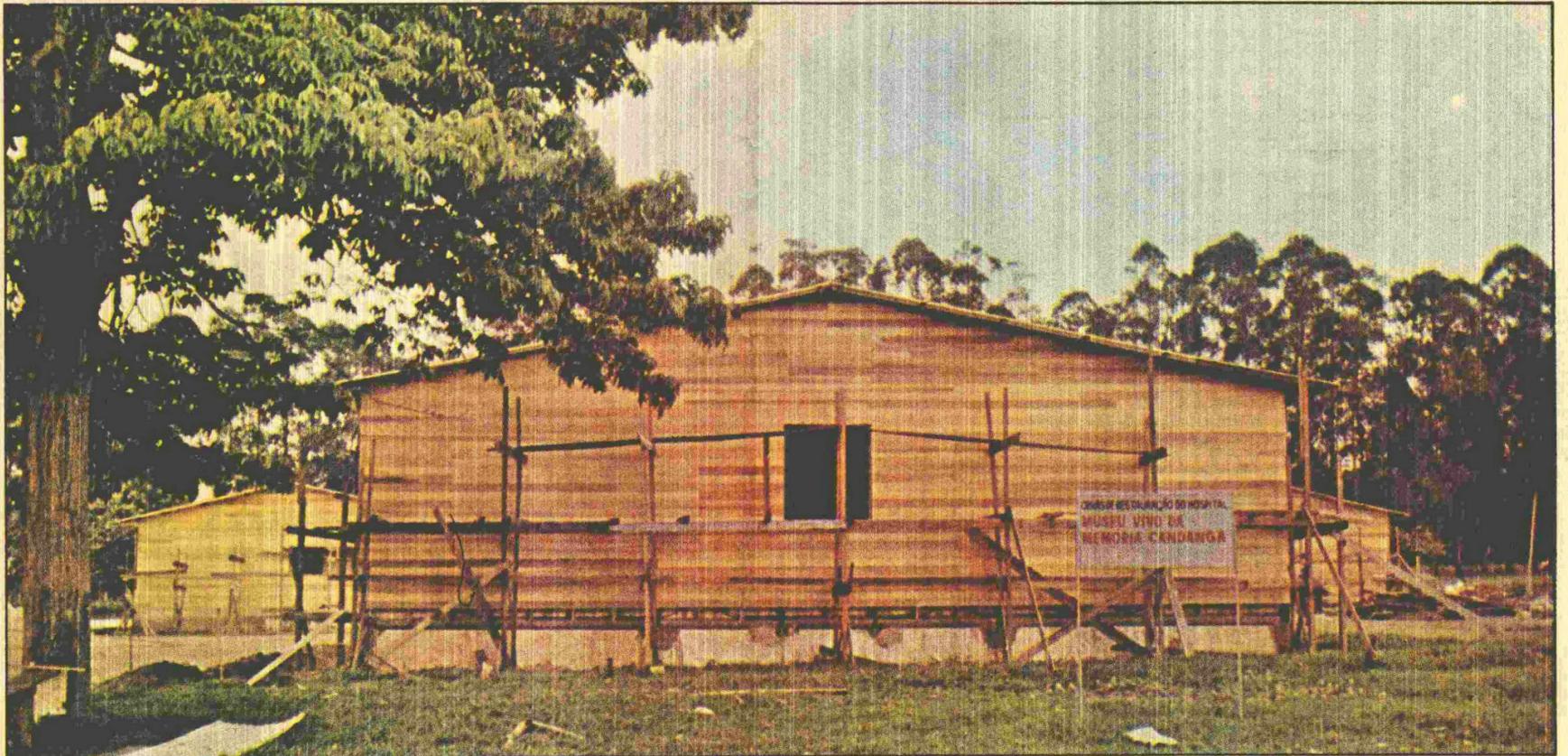


Um museu não é só cacarecos

Fotos: Aldori Silva



Depois de três anos de lutas, os escombros do antigo hospital do IAPI (desativado em 1974) recuperam os traços do início da vida na nova capital da República



DF - Brasília

Na antiga Vila do IAPI, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira se transforma no elixir da memória candanga, com uma proposta que pensa a história no passado e no futuro

Cesar Mendes

Colaborador

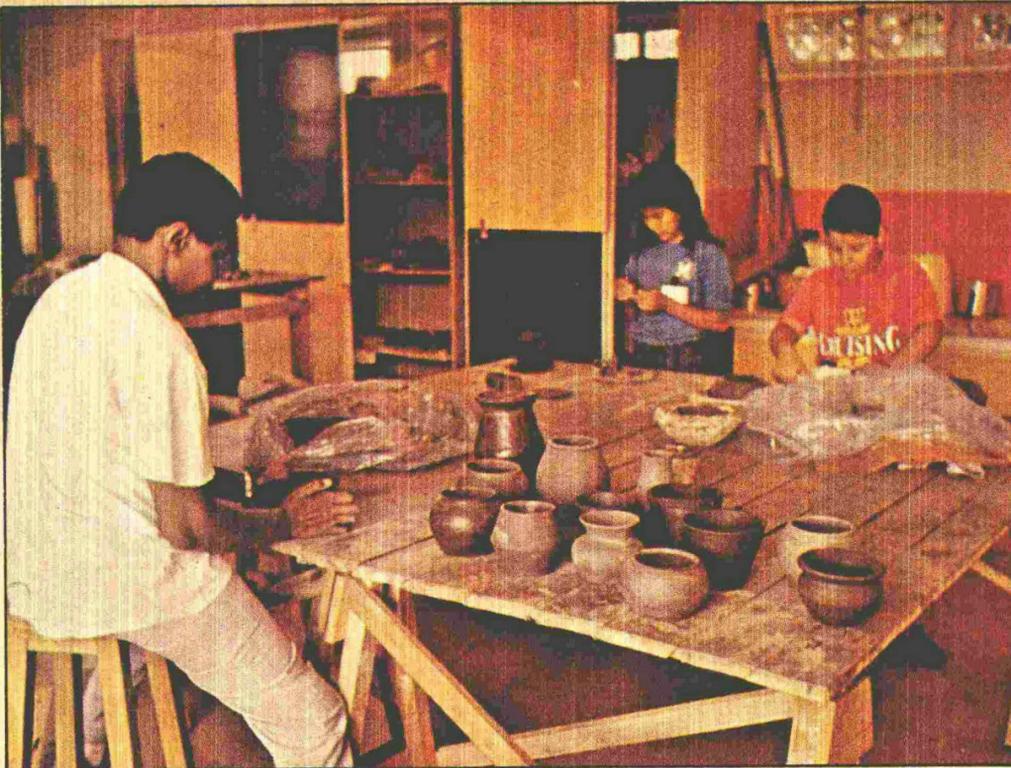
Reunir a história popular de Brasília em um só lugar que, por si só, já representa um marco do passado. Com essa proposta o Departamento de Patrimônio Histórico do Governo do Distrito Federal está fazendo com que a história, em geral escrita por linhas tortas, se aprime e tome ares de verdade universal. No caso, a história em questão é a da criação e consolidação da capital da República, que está sendo resgatada com a criação do **Museu Vivo da Memória Candanga**. Além dos objetos e utensílios que serão reunidos no antigo hospital do IAPI (Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira - HJKO), foi criado um projeto que vai muito além da simples coleção de cacarecos numa sala.

"Nossa proposta foi de criar um espaço cultural na antiga Vila do IAPI", explica Silvio Cavalcante, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico do GDF. "A perspectiva de contar uma história popular apenas reforçou a idéia do museu, à qual incorporamos as oficinas de artes e ofícios, para suprir a carência da população local e ao mesmo tempo resgatar o trabalho dos artesãos. Além disso, a área do hospital tem um imenso pomar com mais de 30 anos de vida, o que torna o local um agradável centro de lazer".

O Museu Vivo conjuga um acervo institucional e popular, a área de lazer construída a partir da restauração do espaço do hospital (edificações, ruas e infra-estrutura) e as oficinas do Saber Fazer. "O grande intuito é a preservação do saber local e a criação de mão-de-obra especializada", salienta Sílvio.

"Estamos promovendo uma campanha para que as pessoas remexam em seus baús em busca de referências históricas", destaca Raquel Cavalcante, responsável pela organização do acervo do museu. "A nível institucional, já conseguimos o acervo do Brasília Palace Hotel, do próprio HJKO, além das fotos e do equipamento de Mário Moreira Fontinelle, fotógrafo oficial da presidência da República na época da construção de Brasília.

"Mas as principais peças do museu estão andando por aí. Os pioneiros ainda estão vivos", lembra Andres Rodrigues, coordenador das oficinas. Os monitores das oficinas são os próprios artesãos, entre eles alguns legítimos pioneiros da cidade, como Seu Valdemar Magalhães, que hoje tem 73 anos e participa da oficina do barro. Ele veio para Brasília em janeiro de 1957, para trabalhar no comércio e organizar a Loja Maçônica. Depois que se aposentou, entrou para a vida artesanal e hoje é o presidente da Associação dos Artesãos do Núcleo Bandeirante: "Acho que



O lado vivo do museu: criação de mão-de-obra especializada conservando o saber local

todos os pioneiros precisam colaborar no esforço de criação desse espaço. O meu lema é: tudo aquilo que a gente sabe, deve passar para o outro, se não perde-se a cultura".

As oficinas têm obtido uma receptividade incrível entre a população. "Temos 130 pessoas matriculadas, sendo que destas, cerca de 75 têm de 10 a 18 anos", explica Andres. As crianças são em geral do entorno. Estudam num período e fazem a oficina no outro. "Isso cria um caminho para que as crianças se profissionalizem".

Atualmente são oferecidos cursos de fiação, tecelagem, tintura, papel artesanal e cerâmica, que devem ir até o dia 15 de dezembro. "A idéia é que desses cursos nasçam os grupos de produção já que o objetivo não é apenas ensinar mas também comercializar a produção artesanal. Em dezembro serão abertas as matrículas para o ano que vem, quando serão criadas as oficinas de madeira, papel e serigrafia. Qualquer pessoa pode cursar as oficinas, que são inteiramente grátis, mas esse ano é impossível conseguir uma vaga, já que as turmas estão cheias. Além dos cursos, está sendo montada uma linha de produção, que proporciona aos artesãos, além dos alunos que mais se destacam, um espaço para desenvolverem seus projetos pessoais. "Esse trabalho valoriza o artesanato

e a comunidade carente, principalmente as crianças, que ocupam aqui o tempo ocioso", destaca Nicodemos Farias, monitor da oficina do barro. "A comunidade é muito carente. Quando você joga alguma coisa na mão dela, há uma correspondência imediata. Existe uma vontade muito grande de aprender e temos várias pessoas se destacando nas oficinas, alunos que, com certeza, darão continuidade ao trabalho.

História

Mas o **Museu Vivo da Memória Candanga** não surgiu da noite para o dia. Há três anos, tudo o que existia lá eram os escombros das edificações do antigo hospital do IAPI que, depois de desativado, em 1974, continuou abrigando famílias de ex-funcionários nos alojamentos e casas dos médicos. O que antes era quarto de funcionário, virou residência de família e as casinhas de madeira chegaram a abrigar cerca de 80 famílias no final dos anos 70.

Nos anos 80, o IAPAS (que passou a englobar todos os institutos, inclusive o IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários) decidiu que as famílias deveriam ser removidas para que fossem demolidas as instalações do primeiro hospital construído em Brasília. As 80 famílias então se reuniram e entraram com uma ação na justiça pedindo o

tombamento da área. O objetivo principal era permanecer morando lá.

"Na época foi um auê", conta Sílvio. "A imprensa deu ampla cobertura ao movimento dos moradores". Quando destruíram a Candangolândia (outro dos acampamentos pioneiros de Brasília, que fica bem próximo ao hospital do IAPI), promoveram o assentamento dos moradores no mesmo lugar (apenas derrubaram todos os prédios originais) e o Governo convidou os moradores do HJKO para que fossem morar lá. Pressionados, os moradores acabaram aceitando a oferta. "Vários deles tinham feito reformas e acréscimos nos barracos do HJKO, mas como eles haviam entrado com o pedido de tombamento, não puderam levar consigo sequer uma tábuas", lembra Sílvio.

"Aí é que entramos na história", conta. "No ano de 85, começamos a especular o que poderia ser feito em relação à área (184 mil metros quadrados), já completamente desabitada. Queríamos preservá-la como um dos últimos autênticos representantes dos acampamentos pioneiros, mas a grande questão era com que finalidade?" A proposta de dar um uso cultural ao espaço nasceu da constatação da carência de atividades culturais na Candangolândia e no Núcleo Bandeirante. "Ao mesmo tempo,

percebemos a necessidade de reunir a história de Brasília em um mesmo lugar, resgatar a história popular, independente de qualquer personalidade".

A importância histórica do espaço é inegável. "A área em si já é uma referência ao passado, situada entre a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre", lembra Bey Ayres, outro coordenador do projeto. "A cidade livre foi o verdadeiro embrião de todas as cidades-satélites do Distrito Federal", destaca Sílvio. "A Vila Sarah Kubitschek, por exemplo, foi uma imensa invasão que surgiu em frente ao Núcleo Bandeirante e que deu origem à primeira cidade-satélite, Taguatinga. Em 70, surgiu a Vila do IAPI, atrás do hospital, que chegou a abrigar 80 mil pessoas e deu origem à Ceilândia".

Só depois de formulada a proposta de uso é que o pedido de tombamento foi encaminhado ao governador José Aparecido. A liminar que impedia que se fizesse qualquer coisa na área foi cancelada e todo o material extra dos barracos foi devolvido aos ex-moradores. Ao mesmo tempo, as Associações de Moradores da Candangolândia e do Núcleo Bandeirante foram chamadas para que participassem do trabalho e foram organizados verdadeiros mutirões de limpeza.

O passo seguinte foi a restauração das casas, que está sendo feita com recursos do SPHAN, Pró-Memória e do Governo do Distrito Federal. O próprio departamento de Patrimônio Histórico se transferiu do Buri para o HJKO. "A grandeza do projeto não permitia que ficássemos acompanhando o trabalho à distância".

Esse ano registrou a grande arancada do projeto. Foram restaurados 2 alojamentos, onde funcionam as oficinas, além de 5 das 8 casas e já está concluída a primeira etapa da restauração do prédio do museu (antigo hospital), que fica pronto em dezembro, num total de 3 mil metros quadrados de área. Os padrões da época foram obedecidos e as casas foram coloridas nas suas cores originais. Só o interior foi modificado, objetivando ser o mais flexível possível. "O uso das casas, por exemplo, ainda não foi definido", destaca Sílvio. "Assim elas estão sendo planejadas para que possam abrigar tanto uma oficina de teatro como um curso de pintura". O fundamental é devolver o espaço à comunidade inteiramente recuperado e o potencial do projeto todo ainda é incalculável. Com a inauguração do prédio do museu, em dezembro, com certeza um passo definitivo terá sido dado no sentido do sucesso da iniciativa. "As pessoas conhecem a sua parcela de participação histórica", explica Raquel Cavalcante. "Com o museu, pretendemos contextualizar a parcela de cada um dentro da história global da cidade".